

06 AGO 1991

Para quem quiser completar os estudos, o subsídio é integral. A idéia pegou: funcionários voltaram às aulas.



Eder Luis Medeiros/AE

Autolatina: funcionários de volta às aulas.

O plano de subsídio à educação já conquistou mil alunos.

Ontem foi o primeiro dia de aula do estudante Manoel Estevão de Lima. Como a maioria dos alunos da 4^a série do 1^º grau, ele tem um pouco de dificuldade com matemática. Ao terminar a primeira lição sobre operações básicas, Manoel anotou algumas dúvidas e resolveu levá-las para casa. Estava decidido a consultar a filha de 13 anos, que cursa a 6^a série. "Ela é ótima com números", gabou-se.

Manoel tem 47 anos e parou de estudar na 3^a série, para trabalhar e ajudar a família no interior de Pernambuco. Quando chegou em São Paulo não teve tempo para mais nada além de criar os filhos e ganhar dinheiro. É encanador na Autolatina há 16 anos. "Agora que sobrou um tempinho vou ver se recupero", empolga-se. "Nunca é tarde."

Como Manoel outros 999 funcionários da Autolatina se atraíram pela possibilidade de voltar aos estudos com subsídio integral da empresa. É o Plano de Incentivo à Educação, uma iniciativa que pretende oferecer aos empregados horistas (os que trabalham diretamente na produção) a conclusão do 1^º e 2^º grau. "Nosso objetivo

é preparar o funcionário para a ascensão social dentro da indústria e fazer com que ele acompanhe melhor o desenvolvimento tecnológico dessa área", argumenta Miguel Jorge, vice-presidente de assuntos corporativistas da Autolatina.

Para cumprir as metas do projeto a empresa investiu US\$ 1,5 milhão, custeando além do material escolar, também o transporte e a alimentação dos que se interessam pelos estudos. O objetivo de escolarizar os funcionários nasceu de uma pesquisa concluída durante o ano passado, quando a Autolatina descobriu que 63% de seus trabalhadores — cerca de 26 mil — não têm o 1^º grau completo.

Destes 26 mil, 9% não concluíram a 4^a série e 54% pararam entre a 5^a e 8^a série. "Resolvendo esse problema a empresa pode preparar sua mão-de-obra para receber qualificação especializada", comenta o gerente de Educação e Treinamento, Carlos de Queirós Rebouças. "É um investimento que reverte a médio prazo em produtividade e qualidade".

Os estudantes, no entanto, empolga-

dos com o início das aulas, pouco se incomodam com tantas explicações técnicas. Ao contrário das crianças, ficam fascinados pelos cadernos, apostilas e livros novos. Sentam-se comportadamente nas carteiras e permanecem em silêncio enquanto os professores falam. "Não tem nem comparação", suspira o professor de geografia Elton Teixeira de 37 anos. "Adultos se empenham muito mais, porque sabem da importância dos estudos e só estão aqui porque decidiram."

O esforço é comum. Todos os operários que desejam estudar, acabam optando por uma boa dose de sacrifício. Trabalham oito horas na linha de produção e assim que terminam o turno se concentram por mais três horas à frente de um quadro negro. "Vale à pena", garante o montador José Maria Amorim Dutra, de 55 anos. Ele trabalha na Autolatina há 30 anos, parou de estudar na 4^a série, hoje confessa que esqueceu até como multiplicar ou dividir. "Se a gente fica muito tempo distante dos estudos, o mundo progride e a gente não acompanha. E o pior é que o prejuízo é só nosso."